

Editorial

Bernadete Morey¹

A História da Matemática é uma área de estudos fascinante para algumas pessoas entre as quais está esta que escreve o presente editorial. Sempre me fascinou a ideia de que o historiador, baseando-se na interpretação de um tablete, consiga atravessar os séculos e chegar até o pensamento do escriba que estava naquele momento ocupado em resolver uma certa questão. Claro, sabemos que não é assim tão simples. Não temos certeza e nem é possível ter, de que a interpretação dada tem algum respaldo nos acontecimentos do passado longínquo. Certeza não temos, mas, o fato de poder fazer uma suposição com uma boa margem de certeza para mim já é fascinante.

Na verdade, penso que o estudo da História da Matemática (assim como outras histórias) é relevante por nos permitir ir ao encontro do outro. É a oportunidade de compreender por que o outro que viveu lá atrás, procedeu de modo distinto e não do modo costumeiro a nós. Ou, como disse Fumikazu Saito, buscamos na História as idiossincrasias. Compreender quais foram as motivações que levaram este indivíduo a agir deste modo próprio dele é compreender um pouco o ser humano, a nossa espécie. E sem dúvida, isto é relevante e prazeroso.

A amostra de textos constantes neste número especial História da Matemática é bastante diversificada e, portanto, descrevê-la se torna mais fácil se falarmos brevemente de cada um deles.

No primeiro texto, *A matemática no encontro do velho e do novo mundo*, Ubiratan D'Ambrosio nos brinda com um relato que acompanha uma variedade sem fim de viagens marítimas desde aquelas muito conhecidas como por exemplo, a de Cristóvão Colombo em 1492, até aquelas mui pouco costumeiras aos nossos ouvidos, como por exemplo, da expedição de Abubakari II, imperador do Mali, que partiu da costa da Gâmbia em 1311 com 2000 barcos a remos e a velas. Para o empreendimento de cada uma destas viagens fizeram-se necessários conhecimentos e, por sua vez, o viajante ao chegar ao seu destino encontrava outros conhecimentos, outras matemáticas, entendidas aqui como a arte de sobrevivência e transcendência.

O artigo *Episodes of interferences of War and Math in the Life and Work of Werner Fenchel* foi-nos enviado por Tinne Kjeldsen da Dinamarca. Aqui a autora lança mão do que ela mesmo chamou de "abordagem a partir de múltiplas perspectivas" a fim de acompanhar a vida do matemático Werner Fenchel no período de algumas décadas do entorno da Segunda Grande Guerra, período no qual a autora se propõe a examinar as interferências que a guerra, as sociedades científicas e os esforços pós-guerra de reconstrução da sociedade americana exerceram na obra do citado matemático.

Iran A. Mendes situa seu olhar na segunda metade do século XVIII para examinar quais foram e como foram abordadas as ideias de *Geometria e Astronomia veiculadas nos livros de Pierre-Louis Moreau de Maupertius*. O contexto em questão envolve o trabalho da

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte | bernadetemorey@gmail.com

Comissão Demarcadora de Limites da Região Amazônica e o autor do artigo destaca a questão da abordagem consoante com as práticas realizadas na Amazônia brasileira no período tratado.

A teoria da forma de Kandinsky: uma compreensão artística e subjetiva de elementos geométricos de João Carlos Pereira de Moraes é uma joia que foge dos padrões costumeiros de História da Matemática e é um texto que conduz o leitor a um exercício de apreciação estética.

A busca de uma transposição didática para o ensino da Regra de Três é o que move os autores do artigo *A praxeologia da regra de três algebrizada e a proposição cinco do liber quadratorum*. A busca leva os autores ao século XIII, onde a proposição cinco do livro de Leonardo de Pisa se apresenta para os autores como um dispositivo didático eficaz para iniciação ao estudo de práticas de algebrização.

Os autores do artigo *Seno, cosseno e tangente: uma atividade com os círculos de proporção de William Oughtred (1633) na formação de professores de matemática* concentram seu estudo em instrumentos do século XVII, mais especificamente, nos círculos de proporção de William Oughtred (1574-1660). Cabe destacar o exercício de uma abordagem que busca na relação história e ensino de matemática desvendar o potencial didático dos círculos de proporção para o ensino de matemática, no que diz respeito à construção/dedução do cosseno a partir do seno e da tangente por meio do manuseio do instrumento.

O artigo *Mapeando alguns conhecimentos matemáticos incorporados no "esquadro móvel" de Ottavio Fabri (1544-1612)* se baseia em um estudo dos autores sobre a construção e o uso do instrumento a que se refere o título. Os autores buscam destacar os conhecimentos matemáticos incorporados no instrumento "esquadro móvel", descrito no tratado *L'uso della squadra mobile* de Ottavio Fabri (1615). O artigo guarda semelhança com o anteriormente aqui referenciado, pois, tem também o intuito de atuar na interface entre história e ensino de matemática. Note-se que o trabalho em uma abordagem entre história e ensino acaba por fazer surgir indícios de nova proposta historiográfica.

Os autores de *Dois Matemáticas: percurso e co-construção das formas dedutiva e procedimental* percorrem a História da Matemática para tecer considerações sobre a dependência mútua das duas formas de matemática. Com o decorrer dos séculos e a crescente configuração de poder que privilegiou o intelecto, a matemática dedutiva foi se impondo como forma privilegiada. No entanto, o século XX viu desenvolver-se a computação o que deu novo alento à matemática procedural. Os autores recomendam que o professor procure conciliar as duas formas de apresentação das matemáticas.

O último texto parte dos princípios da aprendizagem significativa, debruça-se sobre na noção de quadrado perfeito e no método babilônico para o cálculo da raiz quadrada para o caso em que não se tem um quadrado perfeito, esperando com isto contribuir com a mudança na prática desses professores acerca do ensino de raiz quadrada.

Como vemos, a amostra de artigos é bem diversificada em temática, período temporal e região geográfica e o que eu vejo nisso é muito espaço. Muito espaço para ser ocupado por jovens que queiram estudar e escrever sobre História da Matemática.